

João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958

João Havelange, an Extraordinary Life? Ideology and Political Action in the Making of a Social Heritage, 1916-1958

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

Instituto Federal de Brasília, Brasília/DF, Brasil

Doutorado em História Social, USP

luiz_burlamaqui@hotmail.com

RESUMO: Este artigo discute a ideologia e ação política na ascensão de João Havelange. Via de regra, as biografias tradicionais sobre o dirigente brasileiro ressaltam o caráter inovador e distinto da vida de João Havelange. Na contramão dessa narrativa, este artigo pretende inserir as ideias de Havelange no próprio contexto em que elas foram difundidas e produzidas. Neste sentido, longe de se constituir um caso atípico e singular, a trajetória de Havelange é observada como uma estratégia metodológica para compreender características mais abrangentes do grupo em que representa – os dirigentes de futebol e a elite política carioca.

PALAVRAS-CHAVE: João Havelange; Futebol e política; Instituições esportivas.

ABSTRACT: This article discuss João Havelange's ideology and political action. In general, traditional biographies about the Brazilian leader emphasize the innovative and distinctive character of João Havelange's life. Contrary to this narrative, this article intends to insert Havelange's ideas in the very context in which they were disseminated and produced. In this sense, far from constituting an atypical and singular case, Havelange's trajectory is perceived as a methodological tool to understand more comprehensive characteristics of the group in which he represents – the football presidents and the political elite in Rio.

KEYWORDS: João Havelange; Football Politics; Sport Institutions.

JOÃO HAVELANGE, UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA?

À distância, a vida de João Havelange é extraordinária. Nascido no Rio de Janeiro em maio de 1916, Havelange viveu uma vida centenária, falecendo somente em agosto de 2016. Presidente da FIFA por duas décadas e meia, membro do Comitê Olímpico Internacional por cinco décadas, atleta olímpico de polo aquático (Helsinque, 1952) e de natação (Berlim, 1936), a experiência de vida de Havelange não poderia estar mais distante da do homem comum. E, no entanto, se a biografia de Havelange merece ser objeto de investigação, é porque está ligada ao seu próprio tempo. Examinada ao microscópio, a vida de Havelange revela os múltiplos entrelaçamentos de sua trajetória à experiência histórica de um determinado grupo social no Brasil do século XX.

Para compreender essa contradição, a noção do historiador italiano Edoardo Grendi de *excepcional normal* pode ser evocada. Em períodos históricos em que a escassez de documentos é a regra, o historiador poderia se valer de fontes “excepcionais” para compreender o modo de vida de grupos ou regiões marginalizadas, que deixaram poucos vestígios acessíveis ao historiador do tempo presente. Na aparência excepcionais, esses documentos poderiam servir para trazer à superfície regularidades e modos de vida. Na realidade, o conceito de Grendi foi pensado mais para o uso de fontes históricas do que para a elaboração de biografias. Nesta linha, o exemplo mais conhecido de documento *excepcional normal* é o processo inquisitorial de Menocchio, o moleiro estudado pelo também italiano e discípulo de Grendi, Carlo Ginzburg. Valendo-se de ampla erudição, Ginzburg ilustra como aquele documento, na aparência hiperbólico e desconectado do século XVI, é capaz de desvelar a experiência dos grupos subalternos italianos que viveram naquela região. Ginzburg termina por alargar o conceito de Grendi – o *excepcional normal* não era somente o documento especial, mas o caso marginal, de fronteira, *extremo*.¹

No geral, os métodos da micro-história foram aplicados à história social das camadas populares. Via de regra, a vida dos grupos dominantes é relativamente bem documentada, e seus modos de vida podem ser acessados de formas distintas.² No

¹ GRENDI. Microanálise e história social, p. 19-38. GINZBURG; PONI. *A micro-história e outros ensaios*, p. 169-78.

² HEINZ. O historiador e as elites – à guisa de introdução, p. 154-65.

entanto, o conceito de *excepcional normal*, quando aplicado à história social das elites, adquire uma vantagem extra. Historicamente, as elites políticas foram ciosas da sua memória, pois na sociedade contemporânea é nela que se assenta a justificativa do próprio poder e a legitimidade de sua atuação política. Por essa razão, há uma tendência a exagerar o quanto essa experiência de vida é singular. Quando se traz a história desses indivíduos ao rés do chão, o que se faz é dessacralizar esses sujeitos e os grupos que representam. Por isso, essa alegada excepcionalidade, que os colocaria em um lugar de privilégio por direito histórico, é desfeita quando o historiador lança esses indivíduos de volta ao mundo social. Boa parte das biografias de Havelange se valeu de clichês para caracterizá-lo como “visionário”, “um homem à frente do seu tempo”, “determinado e corajoso” etc.³

Na contramão dessa leitura hagiográfica, este artigo inscreve o conjunto das ideias formuladas por Havelange no chão da história. Neste aspecto, as categorias produzidas por Havelange são tomadas a sério, mesmo que possam soar absurdas ou cômicas à primeira vista. Pode-se dizer, inclusive, que Havelange se constitui numa espécie de intelectual, entendido aqui muito simplesmente como alguém que produz e difunde uma determinada “visão de mundo”.⁴ Essa visão de mundo consiste em um sistema político estruturado de valores e crenças, o que historiadores e cientistas sociais chamaram de ideologia política. Não custa, por isso, ressaltar que essa ideologia política de Havelange está estritamente ligada às instituições nas quais ele transitou ao longo desse processo de ascensão social e política. Para compreender como ela se produz na própria prática, este artigo traz à tona as diversas instituições (partidos políticos, agremiações esportivas, formação educacional) formativas na vida de João Havelange.

Para dar conta dos objetivos elencados, optou-se por dividir esse artigo em três subseções mais gerais, organizadas de forma cronológica. Na primeira, as origens familiares de Havelange, bem como a difusão do ideário esportivo na virada do século XIX para o XX. Na segunda parte, abordam-se as transformações do esporte na década de 1920 e 1930. Observa-se como a profissionalização do futebol impediu uma carreira de Havelange como jogador. Não obstante, foi o próprio

³ BOURDIEU. *L'illusion biographique*, p. 70

⁴ ALTAMIRANO. *Intelectuales: notas de investigación*, p. 20.

processo de profissionalização do futebol que abriu espaço para a sua ascensão como dirigente esportivo. Por fim, a ascensão política de Havelange no seio da sociedade civil brasileira. Membro de uma elite tecnocrática, chega à presidência da CBD em 1957, às vésperas do primeiro título mundial do Brasil. O artigo, portanto, examina a ascensão de Havelange, mostrando como suas próprias categorias, fundamentais para o seu sucesso político foram construídas em diálogo com o seu próprio tempo.

UM CORPO INDESTRUTÍVEL

Oriundo da região industrial de Liège, na Bélgica, os pais de Havelange emigraram ao Brasil no início do século XX. Berço da chamada “segunda revolução industrial”, a economia de Liège se apoiava basicamente na extração do minério (carvão, zinco, cobre) e na indústria de armamentos.⁵ Não se trata de coincidência que o pai de João Havelange, Faustin Joseph Godefroid Havelange, tenha se envolvido nessas duas atividades. No final da década de 1890, ele se formou em engenharia de minas pela Universidade de Liège. Nos estertores do *boom* do guano, Faustin escolheu o Peru como destino. Lá, além de lecionar na Universidade de San Marcos, em Lima, realizou uma série de estudos sobre as minas de carvão e de ferro locais. Em um mundo em que as fronteiras da atividade comercial e intelectual eram porosas, Faustin era, a um só tempo, professor e representante diplomático do governo belga, responsável por conectar as indústrias belgas às matérias-primas do Peru.⁶ Após essa primeira experiência, Faustin casou-se com Juliette na Bélgica e, em 1905, partiram para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, a existência de uma comunidade de migrantes belga, organizada em torno de instituições político-culturais e com investimentos consolidados no Brasil, facilitou a inserção da família Havelange na sociedade civil. Entre 1830 e 1914, cerca de seis mil belgas imigraram ao Brasil, número modesto quando comparado às imigrações italiana, portuguesa, libanesa e até mesmo a japonesa. Ainda que a maioria deste contingente populacional fosse representado por

⁵ HOBBSAWM. *A era dos impérios*, p. 58.

⁶ *Depoimento de Paula Havelange – irmã e secretária*, p. 17-24.

pobres camponeses, que se afixaram em colônias no Oeste do Paraná e Santa Catarina, essa imigração se singularizou pela presença em larga escala de indivíduos com formação universitária. Aportaram aqui centenas de engenheiros, técnicos, mecânicos, agrônomos, contadores, em suma, homens com formação universitária ligada ao setor industrial. Essa mão de obra especializada se dividiu: parte dela se vinculou às companhias industriais inglesas ou francesas, que se espalharam pelo Brasil no final do século XIX; a maior parte, entretanto – como o era o caso do próprio Faustin –, chegou ao Brasil pela força dos investimentos belgas em território brasileiro.⁷ Nesta comunidade escolarizada, Faustin Havelange gozou de alta reputação, chegando a ser presidente da Associação de Comerciantes Belgas do Rio de Janeiro.

Faustin era um *sportman* – um entusiasta e difusor da “tecnologia” (termo usado à época) dos esportes modernos. A expansão dos esportes se deu de forma célere nos ambientes belgas de elite. Aqui, vale lembrar, por exemplo, que a Associação de Futebol da Bélgica, criada em 1884, foi membro fundador da FIFA. O pai de Havelange não esteve imune à febre futebolística, e foi sócio fundador do Standard de Liège, uma equipe belga de futebol, que se consolidaria como uma das maiores daquele país ao longo do século XX. Além disso, as Casas Laport (empresa em que trabalhava) patrocinavam anualmente um torneio de tiro, e Faustin vendia suas armas à equipe do Fluminense Futebol Clube. Poliesportivo, Faustin foi treinador de natação dos próprios filhos João e Júlio. Na década de 1930, os dois se classificariam aos Jogos Olímpicos.⁸

Em 1918, dois anos após o nascimento de João Havelange, a família se mudaria para uma casa no Cosme Velho, bairro vizinho às Laranjeiras. Com a aquisição de um título de sócio proprietário, Faustin Havelange e sua família passaram a frequentar o Fluminense Futebol Clube. Ao contrário de clubes como o Paysandu, exclusivos da comunidade britânica, ou do Botafogo, de corte mais nacional, o Fluminense era um “clube misto”, que contava tanto com a participação

⁷ STOLS. Panorama das relações belgo-brasileiras, p. 57-73.

⁸ Júlio, o irmão mais velho de Havelange, chegou a se classificar para os Jogos Olímpicos de 1932. Nesta ocasião, a maioria dos atletas, sem recursos pessoais para bancar a viagem, e sem ajuda estatal ou do COB, foi obrigada a vender 45 mil sacas de café a fim de pagar os custos da viagem. Os que não conseguiram cumprir sua cota não puderam disputar os Jogos Olímpicos. Júlio esteve entre os 45 atletas que ficou no navio Itaquicê.

de estrangeiros ou de seus descendentes, quanto de brasileiros natos. Neste clube híbrido, ingleses, franceses, belgas, suíços etc. conviviam harmonicamente com membros da elite nacional. Não obstante essa *mistura*, o Fluminense era um clube seletivo. Além de pagar altas somas em luvas e mensalidades, para ser sócio do Fluminense, era preciso passar por uma comissão de sindicância. Essa comissão analisava a biografia e o currículo daquele que pleiteava a associação. Além disso, havia a obrigatoriedade de ser indicado por outro sócio, um padrinho. Esse ritual era destinado a produzir um senso de solidariedade e identidade de classe entre os aprovados, excluindo toda a sorte de indesejados. Mesmo grupos endinheirados, como empresários migrantes portugueses ou libaneses, por exemplo, ficaram de fora. Esse controle simbólico terminou por fazer com que o Fluminense Futebol Clube concentrasse nos seus quadros diretivos as chamadas elites econômicas tradicionais enquanto o Clube de Regatas Flamengo (cuja mensalidade era similar à do Fluminense) era um clube mais aberto aos *nouveaux riches*. Neste sentido, uma das características da composição social do Fluminense era o alto índice de capital escolar enquanto no Flamengo os bem-sucedidos na hierarquia clubística eram geralmente elementos de sucesso no mundo empresarial, muitos dos quais sem formação universitária.⁹

Neste contexto, o clube se constituía como espaço de formação, identidade e solidariedade de classe – uma espécie de *comunidade moral*.¹⁰ Mesmo antes de ser iniciado na natação, esporte no qual faria carreira, João Havelange se torna escoteiro do Fluminense Futebol Clube. Além das atividades próprias ao escotismo, a prática da caridade era comum entre os escoteiros do Fluminense. Anualmente, os escoteiros do time se engajavam na campanha do “Natal para as crianças pobres”, angariando fundos para as crianças necessitadas do Rio de Janeiro. A prática da caridade estabelecia uma *linha social* clara, demarcando fronteiras simbólicas entre os que pertenciam a uma casta social e aos que não. Somada à prática esportiva, essa gama de atividades sociais ajudava a forjar uma identidade de classe, de raça e de gênero.

⁹ BURLAMAQUI. *A outra razão*, p. 159.

¹⁰ DURKHEIM. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*, cap. I.

Nesta linha, o *fair play* era a marca distintiva dessa filosofia esportiva. “Disposição cavalheiresca”, daqueles que sabem guardar “distância em relação ao papel”, o *fair play* é a ética que funda e fundamenta os princípios do amadorismo.¹¹ Na prática, a mitologia do *fair play* orbita em torno de um universo *viril*. Nessa linha, a narrativa com que recontava sua própria história, não raro, adquiriu tons fantásticos. “Eu não sinto frio nem calor. Eu me preparei para estar aqui”, teria dito a um repórter assustado com seu terno abotoado, durante um jogo da Copa do Mundo de 1994, mesmo diante de um calor de 40 graus. Em uma briga com um dirigente da UEFA, Antonio Saporta, sobre alocação de ingressos para a estreia da Copa do Mundo de 1986, Havelange teria trancado a sala em que ambos estavam, e dito ao espanhol que não sairia enquanto o problema não fosse resolvido. “Sou capaz de ficar aqui até 72 horas sem comer, sem ir ao banheiro e sem beber água. Já o senhor não aguenta, e o senhor vai morrer”.¹² Meticulosamente selecionadas e repetidas, essas narrativas fantásticas não podem ser descoladas do ideário do *fair play* que se disseminou no Brasil no princípio do século – elas levam ao limite o ideário da virilidade e do autocontrole. Em síntese, o *fair play* fala de uma moral ascética de trabalho e da virilidade a ser inculcada por uma prática pedagógica adquirida pelo manejo corporal, por meio do qual certos valores, conceitos, visões de mundo são incorporados aos indivíduos. Os clubes, que, no Brasil, ocuparam o espaço similar às *public schools* na Inglaterra são escolas em que essa masculinidade viril é ensinada e reproduzida. Nestes espaços, através da disciplina, do trabalho e do culto ao corpo, os homens aprendem a ser senhores de si.¹³

Na produção de um imaginário compartilhado, a construção dessa identidade de classe passava por um trabalho de educação sentimental. Gestada nos clubes, a solidariedade dessas frações da classe dominante reforçava e produzia uma acentuada divisão de gênero. Na gênese, os esportes modernos foram atividades masculinas por definição. Nas palavras de Coubertin, o fundador e idealizador dos Jogos Olímpicos, seria “excessivo” submeter às mulheres ao exercício físico. Na forma como o concebeu, o *herói olímpico* era masculino por definição. Ora, essa

¹¹ BOURDIEU. *Questões de sociologia*, p. 149.

¹² PEREIRA; VIEIRA. *João Havelange, o dirigente esportivo do século XX*, p. 124 e 189.

¹³ Cf. GAMBETTA. *E a bola rolou*, p. 389.

“exclusão” das mulheres tinha como efeito não apenas impedi-las de ocupar as posições e os espaços de poder, mas reforçar o elo afetivo entre os próprios homens. Excluídas as mulheres e outros grupos indesejados, a solidariedade podia ser horizontal – aí, então, os homens aprendiam amar e admirar uns aos outros.

Vitrine dessa moralidade, o corpo individual é o *local* de inscrição dessas representações sociais.¹⁴ O corpo de Havelange conta uma história. No Brasil, a difusão de um ideário higienista foi o alicerce ideológico sobre o qual se assentou a expansão dos esportes modernos. Numa espécie de relação eugênica, o esporte formaria os escolhidos pelo culto e trabalho corporal. No limite, o objetivo aqui era ter um *corpo indestrutível*, resistente à passagem do tempo. Nas palavras do historiador Leonardo Pereira, “a higienização do corpo do indivíduo seria uma forma de redenção do povo brasileiro, supostamente depauperado por séculos de inércia e preguiça”.¹⁵ A força dessa ideologia – sintetizada pelo mantra *mens sana in corpore sano* – era expressa pela própria vida de Havelange. Várias são as situações nas quais Havelange ficou frente a frente com a morte, mas, no último minuto, sobreviveu. Ora, essa longevidade era atribuída à existência de um corpo saudável, produto da disciplina e do ascetismo com o qual conduzia a sua própria biografia. A resistência a uma doença mortal, a febre tifoide, é a prova deste destino de grandeza: “De mil salva um”, teria dito um médico brasileiro à mãe de Havelange. Neste discurso, quase que sem mediações, a resistência às doenças e à passagem do tempo reforçava a legitimidade da sua própria posição social. O corpo saudável lhe garantia quase por direito sua posição social superior.¹⁶

Ter sido um atleta vitorioso foi crucial na ascensão econômica e política dentro da sociedade civil brasileira. Por onde passava, Havelange contava seus feitos, e, com isso, era *admirado* pelos próprios pares, muitos que, com socialização similar, compartilhavam com ele da ideologia do *fair play*. Ser admirado pelos seus pares era, portanto, o primeiro e necessário passo para ascender socialmente. Além disso, a historiografia tem dado pouca atenção para compreender o espaço de formação de sociabilidade e formação de identidade das classes dominantes

¹⁴ VIGARELLO. Virilidades esportivas, p. 269-301.

¹⁵ PEREIRA. *Footballmania*, p. 132.

¹⁶ RODRIGUES. *Jogo duro: a história de João Havelange*, p. 26.

(escolas de elite, clubes de golfe, agremiações esportivas) como elementos da própria reprodução do mundo material.¹⁷

Anos mais tarde, quando se mudou para São Paulo, Havelange passou a frequentar o clube Floresta, também da elite paulistana, em que praticou *water polo*. Esse trânsito o colocaria numa posição privilegiada em relação a outros indivíduos das elites brasileiras, pois a partir daí ele teria boas relações entre os grupos dominantes dos principais centros do país – Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, para que tudo isso fosse possível, foi preciso seguir o conselho paterno. Chegava a hora de renunciar ao futebol, e abraçar a natação e os esportes olímpicos.

DOS GRAMADOS ÀS PISCINAS

Na infância, Havelange praticou o futebol, e chegou a ser campeão estadual pelo time de juniores do Fluminense em 1931. Com mais de 1,90, ele se aproveitava do porte físico avantajado para jogar como “beque esquerdo”. Embora pudesse ter evoluído no futebol, ele preferiu renunciar ao esporte para atender a um pedido do pai. Em 1932, foi o responsável pelo pedido para que abandonasse os gramados. Na versão mais dramática, o pai de Havelange lhe teria feito um último pedido em seu leito de morte. “Não se esqueça de ir preparado para os Jogos Olímpicos”, teria dito.¹⁸ Salvaguardada no acervo do CPDOC, a história do desengajamento futebolístico e do abraço à natação foi contada da seguinte forma:

J. H. – Não. Nada. Muito ao contrário. [Sobre adaptação dos pais no Brasil] depois ele foi ser sócio do Fluminense, eu fui menino para lá, aprendi a nadar lá, fui nadador do Fluminense, depois joguei o campeonato juvenil de futebol, em mil novecentos e...

C. S. – Em 1932.

J. H. – Em 1932. E fomos campeões. E, veja, eu devia ter dezesseis anos. Então, naquela época foi o primeiro ano que começava o profissionalismo, e quem foi campeão aqui no Rio foi o Bangu, que tinha três jogadores inesquecíveis: Domingos, Médio e Ladislau. O Domingos foi o maior beque que o Brasil já teve, o Médio é da linha média e o Ladislau é o que eles chamavam meia-direita na época. Três homens formidáveis. E o Bangu foi campeão. E o meu pai não me deixou mais jogar futebol. Porque, o senhor veja as concepções, meu pai era engenheiro; minha mãe, de família de

¹⁷ BURLAMAQUI. *A outra razão*, 2012.

¹⁸ Essa versão aparece em PEREIRA (org.); VIEIRA (org.). *João Havelange, o dirigente esportivo do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 189.

peças de indústria na Bélgica, então, vêm os problemas de frente. Hoje em dia, todo mundo quer botar um filho para ser jogador de futebol, porque pode ganhar uma fortuna do dia para a noite, não é verdade? Então, o senhor veja o que o mundo se modificou.

C. S. – Mas por que o seu pai não queria que o senhor jogasse futebol?

J. H. – *Porque havia profissionalismo.*¹⁹

Aos filhos da segunda geração de esportistas, oriundo das camadas abastadas, a prática do futebol não era uma opção política factível. Sintomático é que esta seja uma decisão familiar, e não individual. Nas décadas de 1920 e 1930, o profissionalismo representava a ascensão de grupos marginalizados, dos quais Havelange e os seus companheiros de Fluminense deveriam guardar distância. Não à toa, são citados pelo próprio Havelange os três irmãos negros do Bangu, os jogadores Ladislau, Médio e Domingos. Uma sutil confusão cronológica reforça a força desse símbolo. Na realidade, o Bangu não foi campeão em 1932, mas em 1933. Havelange não faz distinção porque trata os dois anos como partes de um mesmo processo – o ano em que desiste do futebol (1932) é o mesmo da ascensão do profissionalismo (1933). O processo individual é inscrito numa dinâmica coletiva e, por isso, o entrevistado embaralha datas, trocando os personagens e os anos de lugar. Domingos da Guia já havia deixado o Bangu em 1932, quando se transferiu para o Vasco da Gama. Clube operário, marcado pela presença de trabalhadores e negros, o Bangu e seus “três irmãos” são símbolos vivos dessa nova fase do futebol-espetáculo. Neste ordenamento simbólico, eles representavam a emergência de um mundo novo. Nele, o lugar social a ser ocupado por Havelange era fora dos gramados. Restava-lhe o papel de dirigente de futebol.²⁰

Desafiados por setores *outsiders*, a profissionalização do esporte-espetáculo e ampliação da mão de obra esportiva fizeram com que esses grupos de elite perdessem progressivamente o monopólio da prática do futebol-espetáculo, algo que produziu um efeito contínuo de desengajamento. Essa foi, sem dúvida, uma opção ideológica, abraçada por diversos grupos dominantes e regulamentada pela FIFA. Para os grupos dirigentes, arriscar-se no embate esportivo com as camadas populares pode sim ser custoso. No futebol e nos esportes em geral, a rapidez com

¹⁹ *Entrevista com João Havelange – acervo CPDOC, 2012.*

²⁰ HAMILTON. *Domingos da Guia: o divino mestre.*

que as narrativas sobre as derrotas em campo migram para fora dele, e levantam inúmeras teses sobre a formação do caráter, o vigor político, a capacidade de liderança etc., é espantosa. O efeito de derrotas sucessivas no campo de times formados exclusivamente por membros das camadas dirigentes seria capaz de pôr em xeque a legitimidade simbólica do poder político das elites sociais ou, ao menos, de produzir narrativas que colaborassem a essa constatação. Na impossibilidade de se reter o monopólio da prática futebolística, o *desengajamento* era a opção sem riscos.²¹

Face à popularização do futebol, os grupos de elite, que, até então, controlavam a prática futebolística se dão conta de que não mais deteriam o monopólio dessa prática. Diante desse quadro, seria preciso, então, reforçar e consolidar o *monopólio de sua organização*. Nesta seara, o principal mecanismo de exclusão dos segmentos populares foi a permanência do estatuto amador dos dirigentes esportivos. Isso evitaria, por exemplo, a criação de clubes *exclusivamente* populares em que os grupos marginalizados fossem, a um só tempo, os praticantes e os gestores do espetáculo. As estratégias dos clubes dominantes variaram neste ponto. No Rio de Janeiro, grande parte dos clubes de origem estrangeira decidiu fechar as portas do futebol profissional. No entanto, a maioria – como é o caso do Fluminense Futebol Clube – manteve as atividades futebolísticas profissionais, ainda que pouco a pouco as fronteiras simbólicas entre os associados e os jogadores de futebol se ampliassem.

Molduras nacionais à parte, o papel da FIFA na regulação da profissionalização do esporte-espetáculo não deve ser negligenciado. Não custa lembrar que o futebol foi um dos primeiros esportes a se profissionalizar – a experiência pioneira do futebol inglês, que se profissionalizara ainda no final do século XIX, certamente serviu de parâmetro.²² No Congresso de Paris, em 1924, graças em grande medida à pressão dos delegados da Europa Central, a FIFA passou a aceitar que as suas entidades praticassem o futebol profissional. Como já se disse, a maior parte dos dirigentes e dos delegados da FIFA era composta de profissionais liberais – professores, engenheiros ou médicos –, que partilhavam do credo liberal, e não impuseram

²¹ DAMO. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica da rivalidade entre torcedores e clubes*, p. 30.

²² HOLT. *Sport and the British: A Modern History*, p. 24-30.

resistência à profissionalização dos jogadores. Essa não foi a postura do Comitê Olímpico Internacional, que militou pela manutenção do estatuto amadorístico dos esportes olímpicos. Órgãos internacionais de outros esportes adotaram caminhos semelhantes ao do COI, vetando a profissionalização de seus atletas. Espetáculo aberto à diferença e à pluralidade, a Copa do Mundo seria a disputa dos melhores jogadores de futebol masculino do mundo, fossem profissionais ou amadores.²³

Não obstante, escritas pelos dirigentes da FIFA, as “regras do amadorismo e do profissionalismo” mantinham a exigência de que os presidentes e os governantes dos clubes não fizessem do futebol uma fonte de lucro, e permanecessem como amadores. Mesmo entre os profissionais liberais da FIFA, a ideologia de que o esporte deveria aparecer como um campo à parte da vida material persistiu. Certo é que dirigir a FIFA ou outras agremiações esportivas não devia ser uma atividade de caráter puramente empresarial, mas ato voluntário. Assim como no caso brasileiro, era uma estratégia para consolidar e manter posições de mando e de controle nas mãos de um determinado grupo social.²⁴

O regulamento da FIFA funcionava como uma espécie de *modelo normativo* a ser adotado pelas diversas federações nacionais. Sendo assim, ele poderia ser acionado a qualquer momento para excluir clubes ou associações nacionais que violassem a regra. O ponto é que a permanência do estatuto amador dos dirigentes não deve ser vista – como muitas vezes o foi pela literatura – como uma particularidade do caso brasileiro, símbolo do “arcaísmo” da administração do futebol brasileiro. Inscrita numa dinâmica mundial, essa cisão fazia parte de uma estratégia da FIFA e das demais Federações para que os dirigentes de futebol retivessem tanto quanto fosse possível os lucros simbólicos das vitórias de seus respectivos clubes e selecionados nacionais. A FIFA estabelecia uma linha clara entre aqueles que dirigiam (os presidentes, amadores, que não recebiam salários) e os que eram dirigidos (no caso, os jogadores profissionais, que recebiam salário). Aqui, o dinheiro tem o papel de marcar posições e de produzir hierarquias, além de frear o acesso das camadas populares às posições de liderança no interior dos clubes. No caso brasileiro, essa hierarquia se manifestava na composição racial

²³ DIETSCHY. Le football et les jeux olympiques (1896-1936), p. 161-81.

²⁴ Fédération Internationale de Football Association (livro institucional), capítulo I.

distinta dos dirigentes e dos jogadores. As fronteiras sociais rígidas, que impediriam a consagração de Havelange como jogador de futebol, foram as mesmas que pavimentaram o caminho para uma trajetória exitosa como dirigente esportivo.

A BOCA DO POVO BRASILEIRO

Nas entrevistas feitas por jornalistas e acadêmicos, uma pergunta era recorrente: como Havelange gostaria de ser lembrado na posteridade? Via de regra, a resposta era a mesma – “como um administrador. Na minha vida, procurei mostrar o valor de administrar”. Aparentemente banal, essa resposta levanta uma série de reflexões. Contando sobre a compra da sede para a CBD como o primeiro ato da sua gestão, Havelange arremata com uma expressão: “*isso é administrar*”. O bom administrador é aquele capaz de produzir valor, de gerir o mundo do trabalho e de acumular propriedade. Quando se aproxima do administrador, a intenção é inscrever suas próprias ações e atos numa ordem econômica. Associado primordialmente ao mundo do trabalho, o administrador se posiciona do lado de fora da política.²⁵

As raízes sociais dessa ideologia devem ser compreendidas. Havelange faz parte de uma nova elite urbana emergente, cuja formação escolar e política se dá no contexto da ditadura civil estado-novista, mas ascende na esfera pública e passa a ocupar os principais cargos políticos em uma democracia de massas. Compreender essa disjunção entre atuação na esfera pública democrática e formação escolar autoritária é crucial para analisar a participação de Havelange à frente da CBD. No Brasil, o regime do Estado Novo (1937-1945) é o momento de formação e consolidação de uma burocracia estatal e administrativa. Regime centralizador, o Estado Novo foi responsável por “enaltecer a técnica em contraposição à política, veiculada como o lado sujo dos interesses privados. O conhecimento técnico e científico seria um patamar superior na forma de lidar com os problemas nacionais”.²⁶ Ora, a ideologia da técnica não abre espaço para a contestação popular.

²⁵ Essa versão aparece em PEREIRA; VIEIRA (org.). *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX*. Também aparece na biografia escrita por Ernesto Rodrigues: RODRIGUES. *Jogo duro: a história de João Havelange*.

²⁶ D'ARAUJO. *O Estado Novo*, p. 35-6.

Como contestar as decisões dos dirigentes que se diziam assentadas em métodos científicos, e não mais em escolhas políticas?

A biografia e o pensamento de Havelange foram afetados por esse universo de organização estatal e formação de um campo burocrático no Brasil da década de 1930. Ponto sensível e pouco explorado na sua trajetória é a formação como bacharel em direito. Em 1936, ele se especializou em “leis trabalhistas” (a expressão é do próprio em uma entrevista de 1966) para iniciar a sua carreira na Viação Jabaquara por volta de 1940.²⁷ Havelange contava 20 anos de idade e, ao que tudo indica, fez aí as principais leituras teórico-metodológicas. Essa especialização de Havelange em Direito Social não é casual, e deve ser associada ao momento histórico que atravessava o país. Nas palavras de Ângela de Castro Gomes, as décadas de 1930 e 1940 marcam a criação do que chama de uma “política de ordenação do mercado de trabalho”.²⁸ As transformações pelas quais passavam o país produziram uma mudança de mentalidade profunda, que deixariam marcas tanto na esfera pública quanto na própria vida de Havelange.

Embora seja correto situar os fundamentos intelectuais de Havelange com o pensamento autoritário forjado na ditadura estado-novista, é seguro assumir que ele foi reatualizado de forma constante e ativa nos anos seguintes. A década de 1950 foi, por conseguinte, um período capital para a sua formação como intelectual e político. Com quase quarenta anos, ele assumia os principais postos de gestão esportiva no Brasil, e se despedia lentamente da carreira de atleta. Sua participação nas Olimpíadas de Helsinque, como atleta de *water polo*, foi o último ato como atleta olímpico. Em 1956, em Melbourne, Havelange voltaria aos Jogos, mas, desta vez, como chefe de delegação. No âmbito empresarial, seus negócios prosperavam à sombra do crescimento econômico. Aproveitando-se da expansão da malha rodoviária, Havelange acumula capital econômico trabalhando na Viação Jabaquara. Em ramo competitivo e lucrativo, essa empresa se torna uma das que fazem a ligação viária entre Rio de Janeiro e São Paulo, conectadas pela recém-inaugurada Via Dutra.

²⁷ Entrevista com João Havelange, Série Depoimentos para a posteridade, Museu da Imagem e do Som, 1967.

²⁸ CASTRO GOMES. Ideologia e trabalho no Estado, p. 55.

Na prática, a ascensão pública e política de Havelange à arena pública se confunde com o próprio percurso do governo Juscelino Kubitschek. Neste sentido, ainda que alguns dos críticos tenham colado sua atuação e ascensão à ditadura empresarial-militar, é preciso dizer que Havelange foi um político formado, produzido e moldado pela década de 1950. Para compreender como ele se adaptou tão bem ao novo regime político inaugurado pelo golpe de 1964, será preciso, em um primeiro momento, investigar as características da cultura política dos anos 1950.

A década de 1950 se caracterizou pela voga e vigência das noções de planejamento, administração, eficiência e modernização.²⁹ Essas palavras eram organizadas em torno do conceito de desenvolvimentismo, que se converte na própria gramática política do período. Em trabalho recente, Rafael Ioris mostrou como o ideário do desenvolvimentismo atravessou o amplo espectro da sociedade civil – empresários, agricultores, trabalhadores, intelectuais. Noção polissêmica, o conceito de desenvolvimentismo esteve em disputa, sujeito a manipulação e a usos diversos na luta política. À medida que se expandia e disseminava pela sociedade civil, o termo ganhava usos e apropriações distintas. “Não havia”, vaticina Rafael Ioris, “uma posição unívoca sobre que caminho de desenvolvimento o país deveria seguir”.³⁰ Para o setor industrial, o ideário do desenvolvimento se apresentava com base em uma leitura “estritamente econômica da realidade”. Neste caso, a noção de desenvolvimento se diluía nas de crescimento econômico, aumento da produtividade, e geração de riqueza. Nessa visão, até se admitia a participação do estado como indutor e planejador da economia, mas a defesa da autonomia cultural, a discussão da relação entre centro e periferia e até mesmo o combate à pobreza permanecem ausentes. É preciso ter clareza de que foi essa apropriação seletiva do conceito de desenvolvimentismo a que seduziu Havelange nos anos subsequentes. Depurada de seu conteúdo político, mais voltada à ordem econômica, essa visão mais estreita e pragmática se consolida entre esses setores do empresariado na década de 1950.

²⁹ GUIMARÃES. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre Petrobras e Brasília, p. 155-75.

³⁰ IORIS. *Qual desenvolvimento? Os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista*, p. 59.

Para se ter clareza do impacto deste período sobre a formação de Havelange vale dizer que, no final da década de 1950, ele se filiaria ao PSD (Partido Social Democrático), o maior partido da época, para concorrer ao cargo de deputado federal. A experiência foi traumática. Em 1961, ele acabaria perdendo a eleição em um ambiente marcado por fraudes eleitorais. Havelange nunca mais se filiou a um partido político, e por essa razão, essa experiência singular deve ser examinada com mais cuidado.

Na década de 1950, o PSD era – na expressão de Lúcia Hippolito – um “laboratório das soluções políticas brasileiras”. Ao contrário dos outros dois grandes partidos à época, PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e União Democrática Nacional (UDN), situados à esquerda e à direita no espectro político, a adesão ao PSD, “mais do que um partido”, poderia ser caracterizado como “uma prática política”. Na visão de Hippolito, essa “prática política” se assentava em cinco características estruturantes – (1) “força eleitoral”, (2) “posição de centro”, (3) “espírito de conciliação e moderação”, (4) “firmeza nas decisões” e (5) “competência administrativa”.³¹ Para tanto, o “pessedista de manual” deveria possuir na sua “prática política” essas cinco virtudes em maior ou menor escala. Quando se examina o PSD nestes termos parece difícil descolar o *modus operandi* de Havelange daquele exercido no interior desse partido. A hipótese é de que essa afinidade e uma genuína admiração do modo de fazer e exercer a política pode tê-lo levado para o partido. Marcadamente pessoalizada, essa “prática política” tomava as relações pessoais como base da construção de um projeto político. O cultivo às relações pessoais é visto como chave para o êxito:

Eu vou lhe fazer uma pergunta. Eu tenho conhecimento ou assistido a todos os presidentes da República desde Washington Luiz Pereira de Souza, que foi em 1926 a 1930. (...) Algum presidente do Brasil, no seu período, foi a todos os estados? E eu todos os anos ia a todas as federações, em todos os estados. *Eu tocava no sujeito*; ele sabia quem eu era. Eu almoçava, eu jantava, conhecia a senhora, conhecia os filhos. Isto é importante. Por isso, nós tivemos um desenvolvimento muito grande.³²

³¹ HIPPOLITO. *De raposas e reformistas*, p. 15.

³² Entrevista com Havelange, acervo do CPDOC, 2012.

Embora tenha falhado em sua eleição para deputado federal, essa tática e modo de fazer política foram bem-sucedidos quando aplicados na sua carreira como dirigente esportivo. Em 1955, percorrendo as federações que não pertenciam ao eixo Rio-São Paulo, Havelange apoiou a candidatura da chapa Sylvio Pacheco-João Correia da Costa à presidência da CBD, trazendo um contingente significativo de votos do esporte amador. Neste caso, a estratégia da chapa era conseguir os votos das chamadas regiões periféricas do Brasil, alheias ao eixo do Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda no ano de 1954, Pacheco lançou a candidatura da chapa na cidade de Macapá em um longo discurso em que clamava pela diminuição da diferença entre o eixo Sul e o eixo Norte. A simbologia do lançamento da candidatura era clara – a chapa pretendia questionar, ao menos do ponto de vista teórico, o domínio político e econômico do eixo Rio-São Paulo. O clima de “integração nacional”, que impulsionou a campanha de JK à presidência, certamente influenciou e abriu espaço para discursos como o de Pacheco. A candidatura derrotada e da situação, do mineiro Geraldo Starling e Ivan de Freitas, tentou reverter a tendência de votos no Norte-Nordeste, com envio de representantes de última hora a estes estados, mas era tarde. Pacheco e Correia se tornariam presidente e vice-presidente da CBD em 1955, com um plano de construir uma “nova CBD” na esteira de um novo Brasil prometido pelo presidente Juscelino.

Havelange não fez parte da composição administrativa inicial. De toda sorte, o crescimento de Havelange na “nova CBD” foi vertiginoso. Devido a sua experiência como atleta olímpico, Havelange foi convidado para chefiar a delegação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956. Se o objetivo da “nova CBD” era melhorar as relações internacionais da entidade, o desempenho de Havelange contribuiu muito, sendo bastante elogiado pela imprensa à época. No fim do ano, assim que regressou de uma viagem ao Japão, a renúncia de João Correia da Costa, então vice-presidente, abriu caminho para que ele assumisse uma vice-presidência. No final de 1957, ele era o primeiro nome para a sucessão de Sylvio Pacheco. A hegemonia do grupo já estava consolidada no interior da CBD, e, em 1957, foi eleito com maioria absoluta em uma vitória expressiva de 185 a 19 votos.

Logo depois de assumir, o Brasil se tornava, pela primeira vez, campeão na Copa do Mundo de Futebol, na Suécia. A conquista de 1958 foi apresentada como a

vitória do planejamento sobre a desorganização, que havia prevalecido nas administrações anteriores. O planejamento rigoroso, a especialização das funções e o controle administrativo seriam vistos como chaves para a vitória do selecionado brasileiro. Havelange estabelecia assim uma *conexão semântica* – a expressão é do antropólogo Bromberger – entre as principais ideias do período e seus atos como dirigente esportivo. Com isso, ele seria capaz também de concentrar sobre a sua figura os capitais político-esportivos da vitória do Brasil.³³

Nesta época, Havelange convidou Paulo Machado de Carvalho para chefiar a delegação na Copa do Mundo de 1958. A ponta de lança deste projeto de organização esportiva ficou conhecida justamente como “Plano Machado de Carvalho”, lançado quase que como um manifesto político em meados de 1957. Grosso modo, o “Plano Paulo Machado de Carvalho” consistia em 96 artigos, pequenos parágrafos contendo teses gerais de caráter disciplinar e administrativo. Crescia, desta forma, a importância da noção de uma comissão técnica, mais plural e diversificada, com a participação de médicos, preparadores físicos, nutricionistas, dentistas e até mesmo psicólogos. Aversa ao “empirismo”, a divisão de trabalho e a especialização de funções eram a pedra de toque de uma estrutura “científica”. Em 1967, Havelange explicava o método:

[...] todas as administrações que eu tive em mãos, eu as vi com o caminhar e o progredir dentro de uma organização, o empirismo, aquilo que tudo se possa fazer, de última hora, é maléfico. A organização, então, precisava ser feita dentro de um problema. Dentro de uma comissão técnica.³⁴

Na aparência neutro e científico, o “Plano Paulo Machado de Carvalho” continha teses das mais abrangentes e distintas, que versavam, entre outros, sobre o tipo de vestimenta do atleta, o corte de cabelo e de barba, além da exigência de uma educação formal mínima. Na prática, era uma forma de controlar, regular e ordenar o mundo do trabalho, de forma a extrair o máximo de produtividade do trabalhador da bola. Na prática, estava em jogo uma visão de mundo e uma leitura sobre o Brasil e o povo brasileiro. Nesta discussão, ainda que implícita, restava

³³ BROMBERGER. *Le match de football*, 1995.

³⁴ HAVELANGE. *Entrevista*, Depoimento para a posteridade, Museu da Imagem e do Som, 1967.

discutir o lugar simbólico das elites na construção da nação. Em 2012, relembando o plano, Havelange deu uma entrevista significativa:

Os pés são as ferramentas de trabalho de um jogador. Quando fomos atendê-lo, tirou-se um saco de unha encravada, calos, frieiras, e tudo mais. Aqueles homens estavam num estado que não podiam nem chutar. Consertei tudo. Havia um jogador, não me lembro qual, que usava uma dentadura mal colocada sobre uns cacos de dente. A curto prazo, se não fosse tratado, teria um câncer na boca. Como se sabe, muitos males nascem de dentes malcuidados. Diziam que era tudo excessivo, que o time não tinha malucos, e não precisava ser tratado por psicólogos. Não dei ouvidos. Determinei que quem não se enquadrasse fosse cortado. Só iria à Copa quem estivesse preparado.³⁵

Ao retratar os jogadores com cacos de dente e incapazes de chutar uma bola, a narrativa de Havelange se aproxima do realismo fantástico. Na década de 1950, o grau de especialização dos clubes brasileiros já era elevado. O exagero não deve ser tomado como o falseamento da realidade, mas como uma figura de linguagem capaz de traduzir uma “visão de mundo”. Retratar os jogadores como desdentados significa marcar posição. Enquanto Havelange era portador de um corpo indestrutível, sempre “preparado para estar ali”, os atletas, egressos das camadas populares, precisavam ser regenerados pela medicina, salvos por um trabalho de preparação mental (psicológico) e controle físico.

A clivagem racial desta narrativa é evidente. Nos termos de Havelange, seria preciso uma elite preparada capaz de salvar o povo através da ciência, da técnica, da medicina e da boa administração. Ele era o responsável direto por “consertar tudo”, dando à população brasileira as “ferramentas de trabalho” para que conseguisse produzir bem e representar, em campo, as cores do Brasil. Neste contexto, a vitória cria as condições ideais para a difusão dessa versão para que se ressalte o papel dos dirigentes esportivos. Com o bicampeonato em 1962, a presidência da CBD continuaria assegurada. Marginaliza-se o protagonismo dos jogadores enquanto se ressalta o dos políticos e dirigentes, como era o caso de Havelange.

³⁵ PEREIRA; VIEIRA. *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX*, p. 132.

CONCLUSÃO

No diálogo entre indivíduo e sociedade, a trajetória aparentemente excepcional de João Havelange ajuda a compreender de que forma são constituídas as ideologias políticas. Longe de representarem ideias abstratas, as ideias políticas são construídas no próprio fazer político e nos percursos formativos. Organizando o texto em torno de três ideias-chave da atuação de João Havelange como dirigente de futebol: o culto ao próprio corpo, a ideia de *fair play* e a difusão do ideal de amadorismo e, por fim, a influência do pensamento desenvolvimentista e da política de corte nacional popular da década de 1950 sobre suas ideias. Nos três casos, as ideologias vinculam-se concreta e organicamente a classe da qual Havelange é egresso – a elite política do Rio de Janeiro.

No primeiro caso, impossível separar a ideia de higiene esportiva do ideário esportivo à difusão do ideário de esportividade, que se desenrolou ao longo da Primeira República. A vida de Havelange nunca esteve isolada da chamada modernidade excludente desenvolvida ao longo daquele período. À medida que o tempo passa, o mesmo acontece com sua trajetória como atleta que se desenrola ao longo do governo Vargas. Aluno de Oliveira Vianna, importante pensador da realidade social brasileira, Havelange incorpora na sua própria prática um modo corporativo de ler a realidade – que o faz ver e ler a sociedade em corporações e em termos hierárquicos. Essa ideologia, sem dúvida, se difundiu por todo o governo Getúlio Vargas, especialmente entre os intelectuais ligados ao direito social, carreira que Havelange escolheu. Esse modo de ler e ver o mundo fez com que adotasse atitudes paternalistas, que, não raro, pretendiam esconder os conflitos de classe em nome da harmonia social.

Por fim, e não menos importante foi o movimento “desenvolvimentista” que Havelange fez já na década de 1950. Dialogando com aquele momento da Guerra Fria e da história brasileira, Havelange incorporou ao seu léxico os conceitos de planejamento, desenvolvimento e atuação política. A crença no potencial técnico e científico da administração fez com que ele lograsse êxito à frente da CBD, com conceitos chave daquele momento histórico.

O ponto é que, se Havelange obteve sucesso, foi porque muitos dos indivíduos à sua volta compartilhavam com ele seus valores, suas categorias, sua visão de mundo. Egresso de uma elite política emergente, a história de sucesso de Havelange o transforma no símbolo dessa classe social, capaz de sintetizar na sua própria figura as características e autoimagem que esse grupo faz de si mesmo. Religar essa experiência ao século XX é o primeiro passo para a desconstrução dessa narrativa fantástica, de uma trajetória que teria se desenrolado supostamente “à frente do seu tempo”.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales**: notas de investigación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 62-63, p. 69-72, 1986. Disponível em: <https://bit.ly/3bPETwg>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. **A outra razão**: os presidentes de futebol entre práticas e representações. Dissertação (Mestrado em História Social), Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Edition de la Maison de la Science du Homme, 1995.
- CASTRO GOMES, Ângela de. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- CASTRO GOMES, Ângela de (org.). **Engenheiros e economistas**: novas elites burocráticas. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- DAMO, Arlei S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica da rivalidade entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 35-6.
- DIETSCHY, Paul. Le football et les jeux olympiques. (1896-1936). In: MILZA, Pierre; TÉTART, Philippe; JEQUIER, François. **Le pouvoir des anneaux**: les jeux olympiques à la lumière de la politique. Paris: Vuibert, 2004, p. 161-81.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. (livro institucional sem autor) **Fédération Internationale de Football Association, 1904-1929**. Amsterdam: J. H. de Bussy, 1929.

GAMBETTA, Wilson. **E a bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 169-78.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: SILVA, Carla (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 19-38.

GUIMARÃES, César. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre Petrobras e Brasília. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **A República no Catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p. 155-75.

HAMILTON, Aidan. **Domingos da Guia**: o divino mestre. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 154-65.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas**: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos Impérios, 1817-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOLT, Richard. **Sport and the British**: A Modern History. Oxford: Oxford University Press, 1990.

IORIS, Rafael. **Qual desenvolvimento? Os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista**. São Paulo: Paco, 2017.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEREIRA, José Mario; VIEIRA, Sílvia Marta. **João Havelange**: o dirigente esportivo do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 132.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Ernesto Carneiro. **Jogo duro**: a história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

STOLS, Eddy (org.); MASCARO, Luciana Pelaes (org.); BUENO, Clodoaldo (org.). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de interações**. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

STOLS, Eddy. Panorama das relações belgo-brasileiras. **Apresentação na Universidade Federal de Minas Gerais**. 20 set. 2005. Disponível em: <http://www.belgica.org.br/panorama.htm>. Acesso em: 25 jul. 2019.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. **História da virilidade**: a virilidade em crise. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 269-301.

ENTREVISTAS

HAVELANGE, João. **[Entrevista]**. Série Depoimentos para a posteridade. Rio de Janeiro, Acervo Depoimentos para a Posteridade, Museu da Imagem e do Som, 10 out. 1967.

HAVELANGE, João. **[Entrevista]**. Entrevistadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Daniela Alfonsi, Carlos Sarmento. Entrevistado: João Havelange. Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 2012.

Depoimento de Paula Havelange – irmã e secretária em AZEVEDO, Vivaldo de. *João Havelange – determinação e coragem*. São Paulo: Editora Nacional, 1974. p. 17-24.

* * *

Recebido para publicação em: 15 out. 2020.
Aprovado em: 25 abr. 2021.